

DESTAQUE

Mudem-se as cabeças para manter os cérebros

O fenómeno comumente chamado de 'brain drain' – “fuga de cérebros”, em português – tem-se agravado cada vez mais ao longo dos tempos. Hoje, a aposta na qualificação académica já não serve aos empregadores. Há que sair do país para trabalhar, para ver o esforço de anos ser recompensado. Urge reverter as políticas. *Por Ana Duarte e Ana Morais*

“Os investigadores não estão a abandonar o país, mas sim a ser abandonados pelas atuais políticas”. É do Reino Unido que Pedro Gonçalves, a frequentar o doutoramento em Arqueologia na Universidade de Cambridge, constata a situação atual do país onde nasceu. Com licenciatura em Arquitetura pela Universidade Lusíada de Lisboa (1997) e um mestrado em Geociências, na área de especialização em Ambiente e Ordenamento do Território pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (UC), em 2008, Pedro Gonçalves representa parte da geração que, sem apoio estatal, se viu obrigada a sair de Portugal para garantir uma formação de qualidade e, consequentemente, um emprego na área.

Façamos uma retrospectiva: 40 anos volvidos, depois de uma vaga de

Hoje, e cada vez mais, existem pessoas a sair em busca de condições dignificantes

emigração que se queria libertar da opressão do regime e da pobreza (rumo aos maiores países da Europa), este paradigma repete-se. Mas há uma diferença notória: a excelência da formação de quem abandona o país. Nos anos 60 e 70, foram os portugueses de classe média e sem formação académica a sair. A partir de 2000 são os mais e melhor formados de sempre. Estes não o fazem de ânimo leve – veem-se obrigados a se instalar no estrangeiro e a adiar, para já, o regresso.

Em pleno século XXI, a emigração “por necessidade” ainda se verifica. Hoje, e cada vez mais, existem pessoas a sair em busca de condições dignificantes – tanto na área da investigação como simplesmente na área do trabalho “puro e duro”. E o convite à emigração é, por vezes, feito pelos próprios governantes. Como se viu há um ano atrás, pelas declarações do primeiro-ministro,

Pedro Passos Coelho e do ministro-adjunto dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas. As palavras proferidas por Passos Coelho são criticadas por três jovens que se encontram no estrangeiro a trabalhar: Ana Relvas França (Londres), Andreia Silva (Macau) e Pedro Gonçalves (Cambridge) são perentórios quando afirmam que “é dos comentários mais infelizes” e que “foi duríssimo de ouvir e muito injusto porque não se resolvem os problemas de um país tirando daqui gente para ver se sobra trabalho para os que restam”. Já Sandro Alves (Paris) mostra um discurso mais comedido, não deixando, no entanto, de ser algo crítico: “para quê investir na educação e na formação para depois ser passada aos jovens a mensagem de emigração?”.

Viver lá fora com Portugal na memória

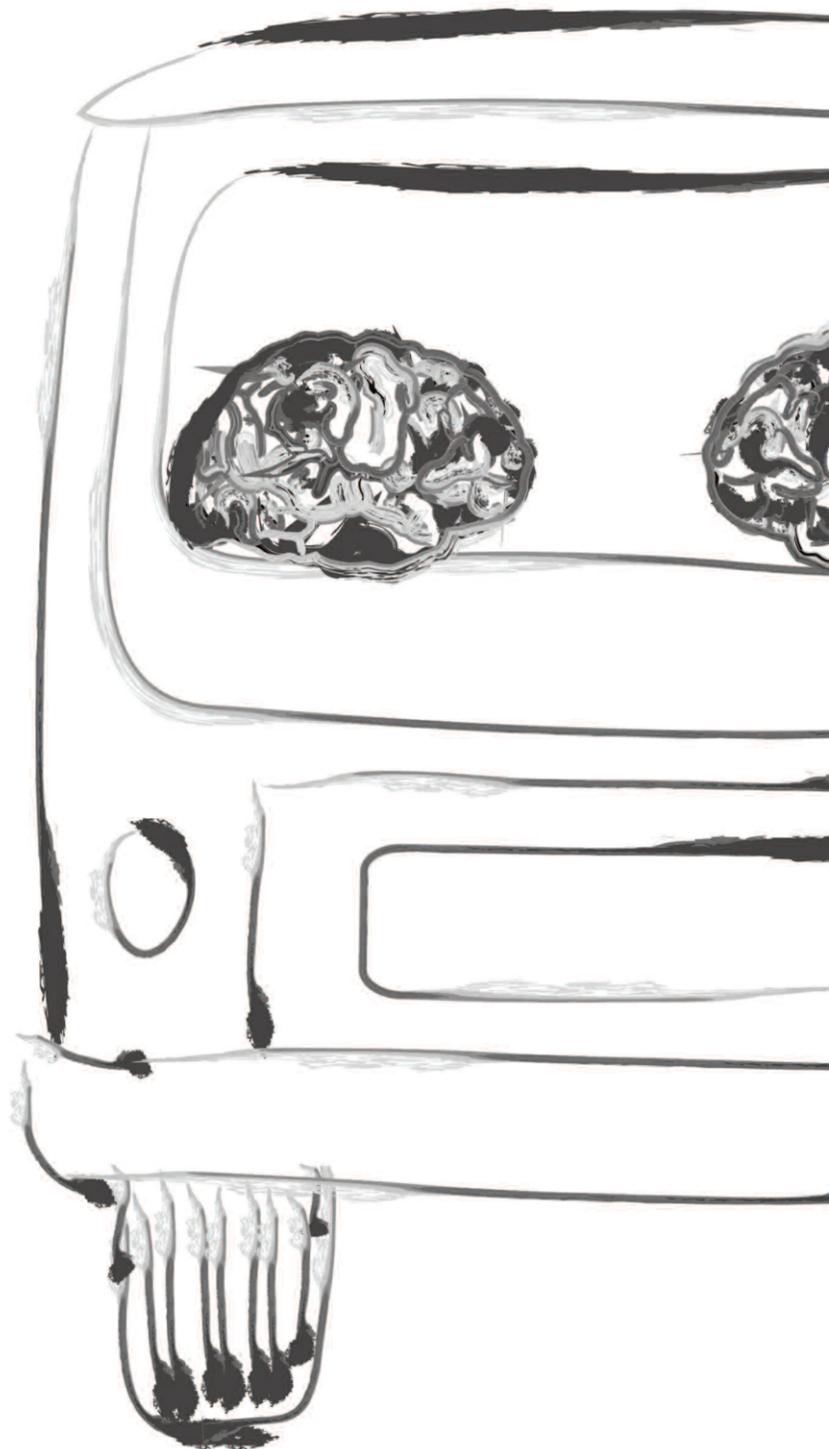
Com licenciatura em Jornalismo pela Faculdade de Letras da UC, tirada em 2009, Ana Relvas França fez as malas e rumou a Londres, para continuar a estudar. “Vim para Londres onde completei uma pós-graduação em Jornalismo, na vertente Imprensa (London School of Journalism)”. Ainda regressou a Portugal para mais duas formações no Cenjor, mas Londres continuava na mira, porque sempre foi um dos seus destinos de eleição. “Cá nunca me sinto estranha e fora de órbita”, assegura. A trabalhar em regime ‘freelancer’ na sua área, tem ainda de recorrer ao exercício de supervisão de um “restaurante chique”, como a própria ironiza, para pagar as suas contas. Estagiou na conceituada revista ‘Monocle’ e acabou por continuar a colaborar, a par de outros trabalhos em publicações mais pequenas. Ana Relvas França tem ainda tempo para um ‘part-time’ na cadeia televisiva BBC, como tradutora no Departamento de Línguas Latinas. Quando confrontada com um possível regresso ao país de origem, Ana encara essa hipótese como distante, preferindo antes viajar pelo mundo. Deixa o conselho: “para os portugueses seria bom pensar em deixar as saudades na gaveta e tentar Macau, Brasil ou Angola”.

Do mesmo ano e do mesmo curso

é Andreia Silva, hoje jornalista em Macau. “A minha vinda para Macau prendeu-se unicamente pela aventura pura e dura, pelo desafio de vir trabalhar para um diário, objetivo que sempre quis atingir”. Apesar da crise ser um fator crucial que motiva muitas saídas, Andreia brinca com a situação: «saí de Portugal pouco tempo depois de Passos Coelho vencer as legislativas, e dizia “só regresso a Portugal quando o PSD sair do poder”». Ao contrário dos restantes, Andreia não seguiu para a Europa. Sendo este um continente que também se encontra em crise, a jornalista afirma: “neste momento a Ásia está, de facto, a tornar-se no centro das atenções de todo o mundo”, não descredibilizando totalmente o continente europeu. “Há países na Europa de Leste, como a Polónia, que ainda conhecem crescimento económico, o Reino Unido, ou até a Alemanha”, acrescenta.

Elísio Estanque encontra na política de austeridade a verdadeira causa da emigração jovem

Para além de Ana Relvas França, Pedro Gonçalves também está no Reino Unido. Reconhece que a emigração jovem pode traduzir-se num abandono do país mas, ainda assim, diz que “é, sobretudo, uma reação ao facto de o país estar a abandonar as pessoas”. Neste sentido, Sandro Alves vai mais longe e, num tom indignado, apresenta uma série de questões retóricas: “onde está o retorno financeiro do investimento avultado feito pelo país, desde a primária até à universidade? Será que se perdeu uma geração inteira? Como será na próxima geração? Caminhará Portugal para um país de velhos?”. Em Paris desde finais de 2008, a desenvolver trabalhos de pós-doutoramento no Institut du Cerveau et de la Moelle épinière (Instituto do Cérebro e da Espinal Medula), Sandro explica a decisão da sua saída: “o objetivo era adquirir novas tecnologias de ponta e impor-



tar as mesmas, de forma a implementá-las no laboratório aquando do regresso a Portugal”.

As valências da emigração

O investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da UC, Elísio Estanque, encontra na política de austeridade a verdadeira causa da emigração jovem – “é resultado da pressão da nossa economia e da falta de oportunidades, associadas a esta tendência de crise e austeridade em que estamos”. Mas o sociólogo vê também este fenómeno por outro prisma: “esse fluxo migratório pode ser interessante do ponto de vista das experiências pessoais de cada um”.

Excetuando Ana Relvas França, todos mostram vontade de voltar ao seu país. “Nada me faria mais feliz”,

confidencia Pedro Gonçalves, apesar de reconhecer que “será difícil regressar” tendo em conta a atual conjuntura. Também Andreia Silva conta que “não há um dia em que não tenha saudades de Lisboa e dos seus pormenores maravilhosos”. Porém, tem um discurso mais positivo quando mostra a facilidade de viajar pelos países asiáticos: “quero viajar muito; e com duas horas de avião, estou na Tailândia”. Apesar de adiar esse regresso aquando de “uma realidade mais próspera”, Sandro Alves diz que o seu “grande objetivo” é retornar.

Na opinião do investigador do CES, a solução para inverter este ciclo de saída dos mais qualificados do país passa por: “uma reorientação das políticas a nível europeu e ao

nível do país”. Elísio Estanque amplifica este possível caminho ao nível europeu: “é necessário que a própria Europa direcione as suas estratégias numa outra direção”, assegura.

Atraso científico?

Esta “fuga de cérebros” pode trazer algumas consequências nefastas para o país, no que toca a atrasos científico-culturais. “Portugal vai ficar com os talentos de 40 ou 50 anos, que de facto têm o ‘know-how’, mas não há rejuvenescimento”, explica Andreia. E não há porque deixa de ocorrer renovação no que toca a recursos humanos. Para o doutorando de Arqueologia em Cambridge, os resultados dos investimentos feitos há cerca de 10, 15 anos qualificação científica e intelectual do país, vão

cair por terra. “Agora que os frutos desse investimento começavam a dar resultado, parece que se quer destruir todo o investimento feito”, lamenta.

Para o investigador em Paris, “urge mudar a forma de gerir a vertente educativo-científica” para se chegar a bom porto. Como consequência, Sandro Alves não hesita: “Portugal está a pagar caro e infelizmente pagará com juros acrescidos a médio longo prazo”.

O (possível) regresso

“Não existe país com mais potencial neste mundo, com gente mais genuinamente boa e com uma ética e uma paixão pela profissão como um português”, desabafa Ana Relvas França, para evidenciar que apesar de não

pensar regressar a Portugal, este ainda é o seu país. Sem pudor, conclui: “só é pena que tenhamos sido, até agora, liderados precisamente por aqueles que constituem a exceção a essa regra”.

Está tudo nas mãos das novas gerações. É a geração mais qualificada de sempre. Mas é preciso saber investir, saber escoar produção científica. Porque Portugal precisa de ganhar identidade no estrangeiro e renovar-se. Até ao fecho da edição, o Jornal A CABRA tentou contactar a Secretaria de Estado do Ensino Superior e da Ciência, mas não obteve resposta de João Queiró e de Leonor Parreira, respetivamente. Também a Fundação para a Ciência e Tecnologia foi solicitada, não tendo, igualmente, respondido.

